

Segundo o prefeito Alexandre Kalil, decreto de flexibilização, que será divulgado hoje, mantém a obrigatoriedade no transporte público e em locais fechados

Uso de máscaras é liberado em ambientes abertos de BH



Centro de BH: infectologistas do comitê do PHB informaram que máscara só poderá ser descartada desde que não haja aglomeração

DEBORAH LIMA

As máscaras de proteção facial, acessórias e consideradas essenciais para evitar o contágio pelo coronavírus, deixarão de ser obrigatórias em Belo Horizonte. A medida entra, hoje, em vigência por meio de decreto, cuja publicação foi anunciada ontem pelo prefeito Alexandre Kalil (PSD). A prefeitura da capital (PBH) confirmou que a norma definitiva de flexibilização no combate à doença respiratória apenas em locais abertos.

O uso de máscaras continua a ser obrigatório no transporte público e em locais fechados, como informou o prefeito de BH. Está determinado pelo Comitê de Saúde que vamos desobrigar a máscara em locais abertos em Belo Horizonte", disse Kalil. Especialista da área de saúde pública do Estado de Minas aprova a liberação em locais abertos diante da redução dos casos de contaminação pelo coronavírus na capital e do número de mortes provocadas pela doença respiratória, além do avanço da vacinação.

De acordo com o boletim epidemiológico e assistencial da PBH, o chamado fator RT, que mede a velocidade da transmissão do vírus, mostrou queda gradativa desde o fim de 2021. O indicador saiu de 1,03 em 3 de dezembro, alcançou o ápice recente em 21 de janeiro, quando chegou a 1,19, e recuou para o último dia 25. Ontem, manteve relativa estabilidade, tendo marcado 0,75. Significa que 75 pessoas contaminadas podem transmitir o vírus a outras 100.

Desde o começo da pandemia, a capital acumula 344.804 casos da infecção viral e 7.449 óbitos. O balanço de indicadores da doença mostrava, ainda ontem, taxas de ocupação de 40,1% dos leitos de unidades de terapia intensiva (UTIs) e de 36,1% nos equipamentos de enfermagem, ambos dedicados a pacientes

com a COVID-19. Da população residente em BH, de 2.521 milhões, 90% estão vacinados com a 1ª dose e dose única contra a COVID-19; 83,2% foram imunizados com a 2ª dose e injeção única e 40,4% tomaram o reforço ou dose adicional.

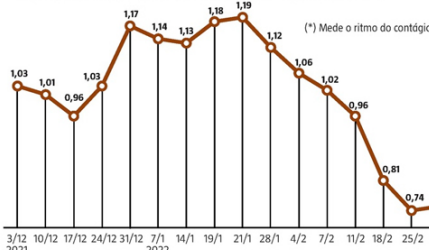
"O comitê já se reuniu e falou que não precisa (de máscara). Eu aconselho usar. Claro que vamos preservar o transporte público e locais fechados. Estamos aliviando a cidade pelo esforço que foi feito, pelo sacrifício que foi feito por toda população. Reconhecemos e vamos apoiar", destacou o prefeito Alexandre Kalil.

A microbiologista Viviane Alves, professora do Departamento de Microbiologia do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é uma das especialistas que defenderam o uso de máscaras durante o início da pandemia e, agora, considera prudente abandonar o acessório, ao considerar uma série de prerrogativas. Entre elas, menciona a cobertura vacinal.

"Considerando a queda no número de casos, uma queda no número de mortes, avanço da vacinação. Hoje, Minas Gerais é o 5º estado na cobertura vacinal. Então, é uma medida serena nos ambientes abertos. Só que as pessoas têm que ter consciência de que, mesmo em ambientes

DESACELERAÇÃO

Evolução recente do taxa de transmissão do coronavírus (fator RT*) em Belo Horizonte



abertos, manter a proximidade de um risco", alerta.

OUTROS CUIDADOS A especialista Viviane Alves lembra que ainda há variantes do coronavírus circulando e embora apóie a liberação parcial do uso de máscaras, tendo em vista os dados epidemiológicos da pandemia, recomenda medidas de prevenção. "Desde que as pessoas mantenham distanciamento, esse ambiente tenha circulação de ar

adequada, como parques e praças, não há problema nenhum em ficar sem máscara, mas uma vez que haja aglomeração, em que as pessoas estejam, por exemplo num bar, que seja no lado aberto, mas se esse bar tem mesas muito próximas, é tentar usar a máscara."

A microbiologista ainda orienta que pessoas com baixa imunidade não deixem de usar a proteção facial. "Aqueles pessoas que desejam continuar usando a

máscara em ambientes abertos poderão fazê-lo. As pessoas que tiveram reação de se infectar, têm problemas com imunossupressão, ou seja, têm uma imunidade mais baixa ou debilitada por causa de medicamentos ou doenças genéticas, que se protejam", recomenda.

O QUE DIZ O COMITÊ DA PBH Infectologistas integrantes do Comitê de Enfrentamento à Pandemia de COVID-19 da PBH

reforçam a necessidade do uso da proteção em locais fechados e contiam mais detalhes da segurança daqui para frente. O professor da Faculdade de Medicina da UFMG Unaf Tupinambás explicou que a máscara foi um objeto essencial para conter o avanço da pandemia do novo coronavírus.

"A gente não tirou no passado para as pessoas terem o hábito de sair com a máscara. Em espaço fechado sem máscara, ainda é muito perigoso. Com o avanço da vacinação, a disseminação horrosa que ocorreu de janeiro a fevereiro, a gente optou por começar a flexibilizar (agora)", afirmou. Tupinambás explicou que a máscara será obrigatória em todos os ambientes fechados, inclusive estádios de futebol e outros eventos.

"A gente entende que só é possível abandonar a máscara em ambiente aberto e sem aglomeração. Só na rua ou na praça, por exemplo, e claro, mantendo o distanciamento." Outro integrante do Comitê, o médico infectologista Estevão Urban, explicou que BH apresenta uma situação epidemiológica confortável desde os últimos 15 dias. "Um pequeno número de novos casos, interações e os óbitos que ainda acontecem são de pacientes que já se internaram há muito tempo", analisa.

OPCIONAL Depois de debates entre os integrantes do grupo, Estevão Urban frisa que a decisão de deixar como opcional o uso de máscaras, "vale para ambientes abertos, bem ventilados, já que existe alguma robustez da literatura mostrando que são situações seguras de pouco risco para transmissão. Mas é importante frisar que isso se refere a ambientes bem abertos, como parques, praças, ruas e principalmente quando as pessoas possam manter distanciamento entre si. Portanto, isso não vale, quando as pessoas estão na rua em filas, por exemplo, uma fila de ônibus", explica.

O POVO FALA

POLEMICA



MARINA RODRIGUES, JORNALISTA, 50 ANOS
"Não concordo. Acho que a coisa não teve uma aprovação mundial dos órgãos de saúde. Todo dia tem gente morrendo. Apóio que vai haver nova onda por causa do 'fenômeno de carnaval'."



OMAR CAMPOS, 50 ANOS
"Em lugar aberto eu concordo, mas retirar a máscara em locais fechados eu acredito que ainda não é hora pra isso. Acho que foi uma boa ideia parar de usar na rua, e tem muita gente que respeita e outros não."



ROSE FERNANDES, MANICURE, 58 ANOS
"Concordo em ficar sem máscara em lugares abertos como esse que estou aqui, passeando, não tem problema algum. Mas em lugar fechado e festa, tem que usar máscara sim."



LUCAS MARTINS, VENDEDOR, 25 ANOS
"Concordo. Por um lado é bom. A galera já está saturada de máscara. Por outro lado, sou a favor de usar máscara em lugares fechados porque a pandemia ainda não acabou e temos que ter cuidado."

Queiroga avalia status de endemia no Brasil

NERISSA WERNICK

O presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou ontem que o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, estuda rebaixar o status da COVID-19 no Brasil para endemia. A classificação como pandemia foi determinada em 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e, neste mês, completa dois anos, consistindo no nível mais grave de uma doença. O termo endemia é assim designado quando a doença se torna recorrente na região, mas não há aumento significativo no número de casos e os órgãos de saúde têm capacidade de combatê-la.

No Twitter, Bolsonaro citou um trecho da Lei 13.979/2020,

que dispõe sobre medidas para o enfrentamento da pandemia, afirmando que o "ministro de Estado da Saúde disporá sobre a duração da situação de emergência de saúde pública". Em virtude da melhoria do cenário epidemiológico e de acordo com o parágrafo 2º do artigo 1º da Lei 13.979/2020, o @minsaude, @inqueiroga e @psdbr rebaixam para ENDÊMIA a atual situação da COVID-19 no Brasil", informou o presidente.

A decisão pode ser precipitada, para o médico infectologista Estevão Urban, um dos conselheiros do prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), no Comitê de Enfrentamento à COVID-19 da capital mineira. "Acho

que os números estão melhores, mas ainda não dá pra falar endemia. Para considerar endemia, temos que ter números bem abaixo do que estamos hoje e por um período sustentável de tempo. Hoje, o número de casos ainda é alto para classificarmos como situação endêmica e mesmo quando baixa, é preciso saber se vai se sustentar por mais tempo ou se vai haver um novo surto da doença", avalia o especialista.

Segundo Estevão Urban, endemia implica número sustentável de casos por um período contínuo de tempo, começando a fazer parte da rotina das pessoas. "É o caso da tuberculose e da malária, por exemplo, que sempre afetam

a população dentro de um limite de casos históricos. Na pandemia, esse número de casos foge do controle, da média histórica, e se torna mundial", destaca. O infectologista ainda se preocupa com novo surto de contaminação pelo coronavírus. "É preciso ter uma sustentabilidade de casos em alguns meses e o que temos visto na pandemia é que se de tempos em tempos o número de casos ainda tem piora. Acho que ainda é precoce essa denominação", ressalta.

IMUNIDADE Urbano alerta que mesmo em cenário favorável da vacinação, com mais de 80% da população imunizada com a 3ª dose, ainda é necessário ter atem-

ção. "A imunidade da vacina e da doença não parece ser duradoura, vai caindo com os meses. A gente não sabe como vai se comportar a imunidade das pessoas daqui a 6 meses, por exemplo. Ainda pode ser que aumente o número de casos se aparecer uma nova variante. Não dá pra garantir que ficaremos com números baixos endêmicos, precisamos esperar mais meses, esperar os acontecimentos", afirma o infectologista.

Ele explica que não há motivo de comemoração devido à troca de denominação do status da COVID-19. "Endemia não é necessariamente um quadro bom. Significa que uma infecção ficou e não foi embora, faz

parte do nosso dia a dia e não conseguimos eliminá-la. Essa endemia pode voltar a se tornar pandemia novamente. Não podemos comemorar uma endemia", afirma.

Se o rebaixamento de status ocorrer, a doença provocada pelo coronavírus deixará de ser vista como uma emergência de saúde pública e as restrições, como uso de máscaras de proteção facial, proibição de aglomerações e exigência do passaporte vacinal, deixarão de ser aplicadas. O Brasil é o segundo país, segundo os Estados Unidos, em que as mortes provocadas pelo coronavírus passaram de 600 mil e já detectou 28,8 milhões de diagnósticos da doença respiratória.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Covid-19 **Página:** 11